
DESLOCADOS, IMIGRANTES OU REFUGIADOS: OS SOBREVIVENTES DO PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NA SUA LONGA ESTRADA PARA CASA

DISPLACED PERSONS, IMMIGRANTS OR REFUGEES: THE SURVIVORS AFTER WORLD WAR IN YOUR LONG ROAD HOME

Rodrigo dos Santos

<digao_santos9@hotmail.com>

Mestre em História, área de concentração História e Regiões- PPGH- Universidade Estadual do Centro-Oeste, professor na Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Laranjeiras do Sul
<http://lattes.cnpq.br/3733336905025872>



A obra *A longa estrada para casa* preenche uma lacuna nos estudos que têm como alvo analisar a Segunda Guerra Mundial, especificamente os imigrantes, também denominados deslocados, pessoas deslocadas (*displaced persons* - PDs) ou refugiados da Segunda Guerra Mundial. O objetivo principal deste livro é analisar como os governos, a partir das organizações internacionais, criaram mecanismos para retorno ou reassentamento de milhares de sujeitos que ficaram dispersos com as ações promovidas pela Alemanha Nazista.

A obra se justifica, pois temas relacionados a Segunda Guerra ficaram, durante anos esquecidos, principalmente pela temporalidade remeter às memórias dos campos de concentração, holocausto, ou conflitos como o Israel-Palestina. Antes da obra de Ben Shephard poucos historiadores se atreveram a estudar o que se pode denominar de legado da Segunda Guerra: a destruição do território europeu e as pessoas que não conseguiram regressar para suas casas no pós-guerra. Entre os poucos trabalhos sobre essa temática merece menção o primeiro capítulo do também britânico Tony Judt (2008) que apresenta elementos trabalhados com maior profundidade por Shephard.

Antes de maior aprofundamento sobre a obra aqui resenhada, e uma breve síntese de cada capítulo, é necessário apresentar o seu autor e lugar de produção. Ben Shephard nasceu em 1948, sendo historiador de formação pela Universidade de Oxford. Escreveu outras obras, ainda não comercializadas no Brasil, sobre temas militares e relacionados à Segunda Guerra. Atuou também como escritor de documentários de cunho histórico para o Canal BBC. Atualmente vive na Inglaterra.

Outro aspecto relevante é o conjunto de fontes utilizado por Ben Shephard. O autor utiliza uma variedade de fontes de várias partes do mundo: Documentos da Coleção particular de Will Arnold-Forster, da Sociedade Britânica de Psicanálise (Londres), Universidade de Columbia, Instituto Hoover da Universidade de Stanford, Museu Imperial da Guerra (de Londres), Biblioteca do Congresso (Washington), Faculdade de Economia de Londres, Arquivo da Cidade de Nova York, Arquivo das Nações Unidas (Nova York), Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, Biblioteca da Universidade da Cidade do Cabo, Biblioteca da Universidade de Queensland (Austrália), Biblioteca Beinecke (Universidade de Yale); e as entrevistas da Biblioteca Bodleian (Oxford) e Biblioteca Harry S. Truman.

Com relação à estrutura dessa obra, ela é dividida em dezenove capítulos com uma leitura agradável, não enfadonha, apesar de um tema delicado. Adicionam-se aos capítulos a nota do autor, introdução, abreviações, notas explicativas, fontes, bibliografia, agradecimentos e um índice remissivo. Na abertura da obra também se apresenta um mapa apontando a Alemanha e a Áustria em 1946 e imagens em tom acinzentado no capítulo quatorze. Essas imagens tratam de acontecimentos que envolvem a temática problematizada por Shephard como as pessoas deslocadas esperando em uma estação de trem, sobreviventes dos campos de concentração, uma partida de futebol entre zonas de campos de pessoas deslocadas e uma imigrante recebida pelos Estados Unidos após 1948, entre outros eventos compreendidos entre 1945 e 1950.

No início da obra, o autor escreveu uma nota com o objetivo de inserir de forma breve o leitor no contexto e nas siglas presentes no livro, com a divisão em auxílio, refugiados, os militares e Palestina. Com isso, o autor aponta as instituições que estiveram ligadas a esses seguimentos, especialmente, as várias organizações (Unrra- Administração de Assistência e Reabilitação das Nações Unidas e a IRO- a Organização Internacional de Refugiados) que auxiliaram as pessoas deslocadas (também apontadas como PDs) antes mesmo do fim da Segunda Guerra Mundial.

A introdução da obra (*Um investimento enorme de bondade*) apresenta o tema a partir de uma carta de Frank Thompson (poeta, comunista e romântico morto em 1944) para sua namorada Iris Murdoch (funcionária pública). Os dois enamorados projetaram as esperanças que o pós-guerra traria e junto com eles outras pessoas tentavam reconstruir sua vida. Merece destaque na introdução de Shephard a discussão do conceito de Pessoa Deslocada que determinou de que forma os sobreviventes da Segunda Guerra seriam auxiliados pela ajuda aliada humanitária. O

legado mais importante da Segunda Guerra, segundo o autor, foi a crise de refugiados, muitos sobreviventes desejavam voltar para suas casas, mas tinha outros que preferiam permanecer onde estavam. Todos os habitantes dos campos, por razões políticas complexas, foram considerados pessoas deslocadas, as designações vítimas ou perpetrados eram insuficientes, pois alguns eram também colaboracionistas dos alemães.

O primeiro capítulo (*Alimentando a Máquina Bélica*) destaca os anos anteriores ao fim da Segunda Guerra. O objetivo principal desse capítulo é apontar que foram arrancadas milhares de pessoas de seus países de origem para servirem de mão de obra para os nazistas. Como exemplo, o autor aponta que governos depois de derrotados pelos nazistas foram obrigados a fornecer trabalhadores para os alemães. Dentro da Alemanha esses trabalhadores viviam em um sistema próximo do *apartheid*, usavam uma etiqueta com a letra P (especialmente os poloneses) e eram obrigados a aceitar salários inferiores, sendo qualquer contato sexual entre poloneses e alemães punido com a morte. Inicialmente, os poloneses foram convidados e posteriormente foram convocados para atender a máquina bélica dos nazistas. Outros grupos de países do ocidente e oriente também foram enviados para a Alemanha, a tática no ocidente era a convocação e no oriente era o sequestro. Uma dificuldade para os nazistas foi a alimentação desses novos habitantes que deixaram sobrecarregados o governo, fazendo com que a carência de alimentos também chegasse aos lares alemães.

No capítulo *Comida e Liberdade* enfatiza-se a Grã-Bretanha e a possibilidade do bloqueio de alimentos para os países da Europa. Alguns dos países aliados defendiam que o bloqueio enfraqueceria os alemães, outros temiam que a ajuda humanitária aliada não chegasse aos países necessitados. Outro fator que contribuía para essa questão era que os britânicos na década de 1940 estavam com má sorte com dificuldade de abastecimento interno. Neste capítulo também se apresenta um esforço simbólico dos britânicos para honrar o compromisso com a ajuda humanitária dos países recém libertos. Para esse fim, os britânicos criaram o Comitê para Alimentos Excedentes, entretanto, a maioria do excedente de alimento estava com os Estados Unidos e os países do hemisfério ocidental. Em 1941 foi criado em Londres o Comitê Interaliado para Necessidades do Pós-Guerra com a função de compilar avaliações de alimentos, matérias-primas e outras provisões por parte dos governos europeus que se encontravam no exílio. Essas provisões deveriam ser enviadas nos seis primeiros meses de liberdade dos países. Apesar disso, a

ausência de alimentos no pós-guerra era um problema com menor impacto se comparado com a dificuldade de reassentamento dos deslocados.

A origem da confusão perpétua apresenta a tomada pelos britânicos e estadunidenses da Itália e especialmente a experiência em Nápoles. Destaca a discussão de como cuidar da população civil, se essa população deveria ser organizada igualmente por civis ou militares, especialmente por causa do tratamento de doenças, como o tifo, que era transmitido em locais com aglomeração de pessoas. Essa campanha na Itália ensinou que o tratamento com os refugiados para evitar doenças deveria ser feito borrifando inseticida, minimizando conflitos, facilitando a repatriação, separação por nacionalidade e mantendo-os vivos com a distribuição de pacotes de ração com vitaminas básicas. O capítulo aponta ainda, a criação da Unrra (Em português: Administração de Assistência e Reabilitação das Nações Unidas) em 9 de novembro de 1943 e sua primeira reunião em *Atlantic City* com quarenta e duas nações. A função dessa organização foi de alimentar, dar auxílio médico e repatriar as Pessoas Deslocadas.

No quarto capítulo (*Metade das Nacionalidades da Europa em Marcha*) Shephard apresenta a extensão do problema dos deslocados e suas várias nacionalidades (russos, italianos, franceses, poloneses, belgas, ucranianos, entre outros). Entre os deslocados encontravam os numerosos ex-escravos do território alemão que saíam das fazendas, fábricas, minas e vinham ao encontro dos aliados. Neste capítulo também se destaca o traje desses deslocados: trajes listrados ou uniformes desbotados de seu exército derrotado, ou ainda, farrapos imundos. Essas PDs (Pessoas Deslocadas) deveriam ser recolhidas pelos militares aliados e encaminhados para campos de acolhimento, local onde deveriam ser alimentados, limpos e mantidos em ordem por funcionários da Unrra. A criação dos campos de acolhimento seria feita em prédios localizados nos arredores de cidades grandes ou pequenas, acomodando pelo menos duas mil pessoas (mulheres, homens e crianças). Os quartos não deveriam ficar cheios pelo risco de epidemias, também deveriam ter atenção a higiene e a água. A requisição de pratos, roupas de cama e outros itens deveriam ser fornecidos pelos alemães, caso não conseguisse a equipe da Unrra deveria improvisar. Os campos de acolhimento apresentavam a precariedade dos campos de concentração, por esse motivo os deslocados queriam voltar rapidamente para casa. O desejo não se efetivou. O último campo de acolhimento foi fechado em meados da década de 1960.

Um dos momentos mais dramáticos da obra de Shephard é seu quinto capítulo, intitulado *O momento psicológico*. Nesta parte da obra o autor apresenta a libertação da

Normandia, em que russos (ucranianos, russos do centro, russos brancos, siberianos e mongóis) usando uniformes alemães começaram a ser capturados pelos aliados. Essa população tinha aceitado colaborar com os nazistas como forma de sobrevivência, e recusavam retornar para casa, pois o retorno significava a morte. Stalin, governante da União Soviética, declarava que não tinha nenhum prisioneiro de guerra e com toda certeza os que retornassem seriam mortos por serem considerados traidores. Estonianos, letões, lituanos, poloneses, ucranianos, bielorrussos, rutenos do leste da Tchecoslováquia e calmuços que tinham sido cidadãos poloneses, mas suas áreas estavam sendo requisitadas pela União Soviética não queriam voltar de maneira alguma com o receio de serem mortos. Várias formas de defesa foram realizadas por esses povos para evitar essas repatriações. Alguns deslocados inventavam locais de nascimento e moradia antes da guerra, e quando isso não adianta recusavam a entrada nos trens, mas eram conduzidos coercitivamente pelos soldados aliados. Mais de setenta mil soviéticos e iugoslavos foram devolvidos à força pelos aliados ao governo de Stalin, até que essas repatriações forçadas foram abolidas. Em dezembro de 1945 as repatriações passaram a ser voluntárias na zona americana, e em 1946 na francesa e britânica.

O sexto capítulo (*Os sobreviventes que restaram*) destaca o último esforço nazista de transporte de prisioneiros e munições de localidades que não tinham sido libertadas pelos aliados. Merece atenção nesse trecho o número de aproximadamente quinhentos mil judeus prisioneiros dos campos de concentração nazista que ainda estavam vivos no final de 1944 e que mais de vinte mil morreram por semana no período final da guerra. Os judeus da Europa tinham três opções nessa Alemanha quase liberta: morrer, obter igualdade com outras nações, ou migrar, especialmente para a Palestina, sendo essa última opção a mais realista. As pessoas deslocadas tinham liberdade de ir e vir e acreditavam que se continuassem a utilizar os uniformes dos campos de concentração teriam tratamento especial.

No *Alimentar os brutos?* se destaca o retorno dos alemães para a sua terra natal. Alguns governos, ainda no exílio, como o da Polônia e da Tchecoslováquia, prometeram devolver a população alemã dos seus territórios quando esses tivessem sido libertados. Quando a Segunda Guerra terminou em maio de 1945 a população alemã começou a ser devolvida. Segundo Shephard a expulsão dos alemães significou um desastre humanitário, não se sabe quantos morreram (o autor estima a partir das fontes duzentos mil a dois milhões e trezentos mil), alguns ficaram vagando ou desabrigados. Outros ainda eram enviados diariamente à Alemanha. O que

fazer com essa população? Deveriam ser alimentados? Os aliados devolveram alguns alemães para o leste, socorrendo os apenas em casos de urgências médicas.

O oitavo capítulo (*Dólares ou morte*) aponta que em setembro de 1945 os políticos envolvidos no processo dos deslocados tomaram consciência que nem todas essas pessoas conseguiriam regressar até o inverno, sendo que alguns nunca voltariam a sua pátria de origem. Diante disso, necessitavam de um sistema de aquecimento e isolamento térmico senão muitos morreriam no rigoroso inverno europeu. Que nação poderia auxiliar com isso? Como conseguir investimento? Essas foram às discussões dessa parte da obra.

O maior grupo de pessoas deslocadas na Europa foi o de poloneses. Muitos tinham informações que a situação na Polônia não era muito boa para regressar pelo aumento de desemprego e pela ascensão de um regime comunista ao poder. Com essa dificuldade os aliados faziam propaganda de uma Polônia receptiva ao regresso dos deslocados, mesmo desta forma poucos retornaram. Para tentar sanar esse problema de campos lotados de poloneses, a Unrra resolveu empregar esses sujeitos em atividades nos campos de acolhimento, especialmente como motoristas e intérpretes. O capítulo, intitulado *Vocês vão aprender rápido*, apresenta essas dificuldades.

O décimo capítulo (*Mesmo que os portões estejam fechados*) apresenta a organização de um campo de acolhimento por parte dos próprios deslocados. A experiência em um campo de judeus poloneses foi frustrada. Os próprios judeus tinham certa dificuldade no trabalho comunitário, tendo em vista que foram escravos por muito tempo na Alemanha nazista, e o trabalho significava uma forma de humilhação. Também se tinha um desejo grande por parte dos judeus da ida pra terra prometida, a Palestina.

A dificuldade de definir quem deveria permanecer ou não nos campos de acolhimento, a partir do processo de seleção, é mencionado no capítulo "*Skryning*" Para os britânicos e americanos existiam três tipos de pessoas deslocadas: as pessoas que queriam retornar a casa, as boas que por razões legítimas não queriam retornar e as más, geralmente colaboradores nazistas, que não queriam regressar. Como fazer o processo de filtragem? Como julgar e condenar os nazistas? Houve tentativas de realizar a seleção de diversas formas, algumas foram aligeiradas, outras com corrupção promovida pelos próprios deslocados que auxiliavam seus conhecidos a criar novas vivências para justificar a sua ida a um campo de acolhimento.

O décimo segundo capítulo (*Salvá-las primeiro e discutir depois*) centra em aspectos organizativos da Unrra, a troca de comando dessa organização e que o movimento dos poloneses nos campos de acolhimento poderia não ser tão breve como se imaginava. A Unrra começava a aceitar que muitos deslocados não iriam retornar para sua pátria de origem e que deveriam ser encontradas novas casas em alguma parte do mundo.

Nós subestimamos muito a destruição menciona as ações desenvolvidas pela Unrra. Essas ações funcionaram em algumas partes da Europa como a Iugoslávia, e em outras foram realizadas de forma insatisfatória, pela burocracia da instituição e a má administração. Nesse capítulo também merece atenção a discussão do fim da Unrra, inicialmente essa organização foi concebida para realizar um trabalho provisório e com data de término anunciado. Em 1947 os políticos estadunidenses questionavam se o papel da Unrra foi atingido e caso ela acabasse quem a sucederia, tendo em vista que ainda encontravam-se mais de um milhão de pessoas deslocadas na Alemanha que não queriam voltar pra casa. A organização que sucedeu a Unrra foi a IRO ratificada em 1º de março de 1947. Além disso, ainda nesse capítulo destaca-se a burocracia da adoção do Plano Marshall de reconstrução da Europa e a pressão da União Soviética aos países aliados para não participar dele.

O capítulo quatorze (*“Morram, comem, reproduzem, esperam”*) apresenta no início um relato de uma professora e funcionária da Unrra (Marta Korwin) que pediu aos seus alunos que escrevessem sobre seus sentimentos, os sentimentos de uma pessoa deslocada. Esses relatos sobreviveram ao tempo e viraram fonte para Shephard. O autor a partir deles chegou a algumas percepções: frustração dos deslocados em não poder enviar correspondência aos parentes, o seu destino ter sido decidido em conferências mundiais e a incerteza do que tinham pela frente enquanto esperavam uma solução política. Nesta parte da obra também se apresentam questões administrativas dos campos de acolhimento (a distribuição de rações, almas mortas e o mercado negro, dentro e fora do campo) e a necessidade de buscar ocupações para essas pessoas que apenas esperavam e esperavam. Alguns relatos apresentam que essas pessoas que esperavam, em sua maioria, possuíam neuroses de guerra, pressões psicológicas, especialmente os judeus e os poloneses. O ambiente, os campos de acolhimento, também não favoreciam, faziam com que os deslocados se lembrassem de situações da guerra. Esses ambientes não eram ambientes saudáveis, possuíam ainda um contato estreito com o nazismo, com características totalitárias (os

campos de acolhimento ou tinham sido campos de treinamento militar nazista ou campo de concentração).

Em um capítulo extenso, o quinze (*O melhor interesse da criança*) Shephard apresenta o problema com as crianças deslocadas. Ao libertar áreas sob o jugo da Alemanha nazista, os aliados encontraram muitas crianças órfãs. Outras ainda nasceram em situações não tão propícias em campos de acolhimento, sendo concebidas a partir do estupro. Em outros relatos, Shephard aponta que algumas mães em campos de acolhimento preferiam aborrecer seus filhos ou matar nos primeiros dias de vida para não ficarem naquela situação de angústia. Os traumas para as crianças que sobreviveram foram constantes, alguns foram encaminhados para novas casas em alguma parte do mundo e também houve aqueles que tiveram a sorte de reencontrar seus pais ou parentes vivos.

O décimo sexto capítulo (*Boa raça humana*), o décimo sétimo (*Vivemos para ver isso*), décimo oitavo (*O justo quinhão da América*) e o décimo nono (*Legados*) apontam o reassentamento de pessoas deslocadas pela guerra em todo o globo e as dificuldades de adaptação dos imigrantes, principalmente por serem considerados alienígenas em suas novas pátrias. Os deslocados passaram a ser vistos como fonte de mão de obra. Os britânicos tinham preferência pelos bálticos, acreditava-se que por serem protestantes por religião seriam mais fáceis de serem assimilados em seus domínios, mas os britânicos também receberam poloneses, iugoslavos, húngaros, búlgaros, tchecos e eslavos. A Bélgica aceitou os deslocados sem restrição de nacionalidade, apenas dispostos a trabalhar em minas de carvão. Os franceses foram persuadidos pela IRO a aceitar trinta mil refugiados, outros cinco mil foram para o Marrocos, Tunísia e Guiana Francesa. A Suécia aceitou mais de quatro mil deslocados. A Turquia admitiu mais de três mil de origem muçulmana (sem exigência especial para o trabalho), sendo albaneses e iugoslavos. O Canadá aceitou mais de trinta mil deslocados, especialmente parentes de canadenses. A Austrália também aceitou um número considerável de imigrantes de apenas uma etnia, com um padrão de saúde de desenvolvimento físico a partir de um contrato aberto sem qualquer conhecimento do trabalho que iriam desempenhar. Os Estados Unidos recebeu aproximadamente trezentos e oitenta mil imigrantes. O Brasil aceitou aproximadamente vinte e nove mil deslocados e preferia trabalhadores agrícolas (e industriais), sem crianças pequenas, de todas as nacionalidades e grupos religiosos, exceto judeus e pessoas asiáticas. Outros países que também aceitaram deslocados foram: Argentina, Israel, Holanda, Luxemburgo e Venezuela.

Para finalizar essa resenha, destaca-se que a obra *A longa estrada para casa*: restabelecendo o cotidiano na Europa devastada pela guerra é relevante não apenas pela riqueza de detalhes e o rigor histórico apresentado na análise de Ben Shepard, mas pela atualidade demonstrada pela sensibilidade do autor. O tema imigrante é de extrema importância, especialmente na contemporaneidade, quando os primeiros anos do pós-ssegunda guerra apresentam desafios similares com a “crise dos refugiados na Europa”. No contexto atual milhares de pessoas encontram-se fugindo das guerras do Oriente Médio, buscando abrigo em vários países do globo com o mesmo agravante do pós-guerra: as organizações internacionais não sabem como (re)assentar esses sujeitos. As dificuldades são pautadas por questões econômicas, políticas, sociais e principalmente étnicas.

REFERÊNCIAS

JUDT, Tony. O legado da Guerra. In: _____. *Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945*. Tradução José Rovert O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 27-54.

SHEPHARD, BEN. *A LONGA ESTRADA PARA CASA: RESTABELECENDO O COTIDIANO NA EUROPA DEVASTADA PELA GUERRA*. TRADUÇÃO DE VERA JOSCELYNE. SÃO PAULO: PAZ E TERRA, 2012. 614P.



Submissão: 26 de setembro de 2015
Avaliações concluídas: 14 de julho de 2016
Aprovação: 02 de fevereiro de 2017

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

SANTOS, Rodrigo. Deslocados, Imigrantes Ou Refugiados: Os Sobreviventes Do Pós-Segunda Guerra Mundial Na Sua Longa Estrada Para Casa. *Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 17, N. 01, p. 407-415 de 415, jan./jun., 2017. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >